

O bem e o mal em “A vida e a outra vida de Roberto do Diabo” Ms. Carla Moraisⁱ

...

Resumo:

Neste artigo, serão analisadas as representações do bem e do mal a partir da obra “A vida e a outra vida de Roberto do Diabo”. Nesse conto, a batalha do bem contra o mal ocorre no íntimo do personagem Roberto do Diabo, que, insatisfeito com suas atitudes, percorre caminhos de expiação para readquirir seu lugar no mundo como Roberto. Para retomar à sua condição do eterno amor e abandonar a condição do eterno ódio, o personagem percorrerá um longo caminho de expiação e resignação. O bem e o mal se apresentam em diversas situações e são representados nas cores, na vestimenta, nos fenômenos da natureza, nos sentimentos de amor ou de ódio, nas ações de carinho ou de violência e na mulher ora como sacerdotisa do mal ora como sacerdotisa do bem. Para sua redenção, Roberto aceitou viver como um demente e alimentar-se como um cão. Roberto do Diabo reconquista seu lugar no mundo como Roberto.

Palavras-chave: Bem. Mal. Teologia. Literatura.

INTRODUÇÃO

A propósito do diálogo entre Teologia e Literatura dentre os vários autores latino-americanos destacarei Antonio Carlos de Melo Magalhães (2000) e sua obra *Deus no Espelho das Palavras, Teologia e Literatura em Diálogo*. Não se trata de uma escolha por determinado autor, mas pela compreensão de que a partir da leitura da obra citada, emergiu o desejo de aproximação do tema com autores latino-americanos.

Dentre os motivos indicados na obra de Magalhães (2000) que o levaram a destacar a relação intrínseca entre Teologia e Literatura, permito-me indicar um deles por considerar que contribuirá para a compreensão deste artigo. O autor considera o cristianismo uma religião do livro, pois grande parte de sua eficácia de sobrevivência a alguns impérios, sua contribuição para a sustentação de outros e ainda seu alcance de alterar trajetórias de vida de muitas pessoas em diferentes culturas e períodos da história, se atribui ao fato de que os pilares do anúncio do cristianismo e os fundamentos de seu conteúdo, foram traduzidos rapidamente em forma de livros, cartas, contos, alegorias e poesias.

Por ser literatura, continua o autor, é que o cristianismo ao lado do livro continuamente inclui a questão da memória e da narrativa que, por sua vez, reconhece na tradição oral, sua habilidade de contar histórias, de reconstruir saberes e redefinir práticas. As diversas reinterpretações apresentadas pela história da arte e, especificamente, pela literatura, são para compreender que a memória da salvação está escrita de diferentes formas, com estilos variados, produzindo uma dinâmica expressiva para sua existência e contundência nas culturas e nas Igrejas.

Magalhães (2000) considera ainda que alguns textos bíblicos despertaram no imaginário ocidental temas com os quais as pessoas se habituaram e a partir dos quais arquitetaram seus valores e cultivaram suas aflições. Sendo um processo cumulativo que vai tornar a abrir caminho para a sobrevivência e avanço do cristianismo no imaginário das pessoas de diferentes culturas, suas histórias, seus personagens e suas narrativas se sedimentam nas culturas, firmemente integrados aos arquétipos e cosmo-visões que essas contêm. Muito mais do que uma teologia voltada para a explicação dos dogmas da Igreja, o poder do cristianismo residiu no fato de que seus personagens e narrativas foram transmitidos, contados com novas cores e disseminados dentro de novas tramas.

Os leitores deste artigo poderão pensar que se prioriza a questão da Literatura em detrimento

da Teologia, porém, as considerações apresentadas acima são contribuições de um Teólogo.¹ A partir do momento em que um Teólogo na atualidade se propõe a abordar sobre Literatura, o diálogo passa a existir.

Dentro da perspectiva de diálogo entre Teologia e Literatura se apresenta uma leitura introdutória da obra literária de Ricardo Azevedo, *A vida e a outra vida de Roberto do Diabo*. Nesse conto, a batalha do bem contra o mal ocorre no íntimo do personagem Roberto do Diabo, que, insatisfeito com suas atitudes, percorre caminhos de expiação e resignação para readquirir seu lugar no mundo como Roberto, ou seja, retomar à sua condição do eterno amor e abandonar a condição do eterno ódio. O bem e o mal se apresentam em diversas situações e são representados nas cores, na vestimenta, nos fenômenos da natureza, nos sentimentos de amor ou de ódio, nas ações de carinho ou de violência e na mulher ora como sacerdotisa do mal ora como sacerdotisa do bem. Para sua redenção, Roberto aceitou viver como um demente e alimentar-se como um cão. A disposição mental do conto, ao mesmo tempo em que propõe o trágico, propõe também a sua supressão. E, se os estados e os incidentes no conto não são aleatórios, toda a narrativa envolve o leitor a crer em uma reviravolta, ocasionada por um acontecimento ético e justo. Ao final, Roberto do Diabo reconquista seu lugar no mundo como Roberto.

1 - DEUS E O DIABO ESTAVAM PRESENTES NO MOMENTO DA CONCEPÇÃO DE ROBERTO.

Giovanni Papini (s/d p. 57) considera Deus o autor do Universo, em cujo mundo criado por Ele, o pecado, o mal, e a perdição, assim como a bondade, o bem e a salvação são possíveis. Como autor e legislador de tudo, nada é possível e pensável fora da Sua vontade e da Sua lei. Após essas considerações sobre Deus, Papini acrescenta que tanto Deus quanto Satã estão em toda parte.

Ao refletir sobre a responsabilidade de Deus sobre o Universo, que tudo ocorre mediante Sua permissão e que tanto Ele quanto Satã estão em toda parte, é possível entender que, no conto em questão, uma mulher em situação de desespero por não ter gerado um filho, que durante treze anos recorreu a preces e promessa em vão, invoca o Diabo para satisfazer o seu desejo. Desejo que foi atendido com a anuência do Criador. Deus e Satã são lembrados no momento em que Roberto foi gerado:

Duque – Quem sabe, mulher, hoje será diferente? Quem sabe, dessa vez, Deus nos permita alcançar nosso sonho tão sonhado?

Duquesa – Nem que seja em nome do diabo!

...

Duquesa – Ao diabo ofereço agora minha carne, meu prazer, e que a ele pertença o fruto do nosso desejo. (AZEVEDO, 1988, p. 7).

“A preferência histórica de Satã pela mulher” (Cousté, 1996, p. 238) se revela tendo em vista que o Diabo atendeu à solicitação da duquesa que engravidou e gerou. Antes do nascimento do filho desejado, os fenômenos da natureza, por ações dos “demônios do ar”², prenunciavam que o

¹ Antonio Carlos de Melo Magalhães realizou seus estudos de Teologia no Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil e em Universidades da Europa, concluiu seu doutorado em Teologia na Universidade de Hamburgo, Alemanha, em 1991.

² COUSTÉ, Alberto. (1996, p. 68) revela que Miguel Psellos em *Sobre as ações dos demônios* admitiu a existência de demônios bons e maus e classificou-os em seis seções: os demônios do fogo que residem em regiões longínquas; os demônios do ar, que têm o poder de despertar tempestades; os demônios da terra que se misturam aos seres humanos para tentá-los; os demônios das águas residem no mar ou nos rios e causam naufrágios; os demônios subterrâneos que provocam terremotos, erupção de vulcões, desmoronam poços e atormentam mineiros; os demônios tenebrosos que vivem longe do sol e nunca aparecem na terra.

enviado do Diabo estava a caminho, conforme as palavras do narrador:

Veio tempo mau. Sombras vermelhas sugiram no céu.
Depois estrondo, espanto. Tempestade.
Água lambendo. Atolando. Afogando.
Sinos dobravam sem parar anunciando perigo. Morte. (AZEVEDO, 1988 p. 9).

A propósito da estreita relação entre a mulher e o Diabo, Alberto Cousté (1996, p. 238) pondera que a explicação mais coerente da aliança do demoníaco com o princípio feminino se deve à antropologia. Segundo esse autor, dos cultos diânicos ao satanismo contemporâneo, as mulheres são vistas como sacerdotisas do Diabo. Nesse sentido, diria que a duquesa sacerdotisa do mal, dá à luz a Roberto com “dois hóspedes invisíveis, o Eterno amor e o Eterno ódio” e verificaremos que seu “coração será o campo de batalha desses dois antagonistas.” (PAPINI, s/d, p. 37).

2 – A FASE DO ETERNO ÓDIO.

A inteligência e a astúcia logo se revelaram em Roberto. Na sequência das frases o narrador deixa pistas para que o leitor entenda que se trata do filho³ daquele que foi invocado:

Sabia dar ordens. Mandar e desmandar.
Sabia humilhar. Espezinhar.
Não brincava. Brigava.
Não cantava. Gritava.
Não sorria. Gozava.
E deu de maltratar os animais.
Punha cachorro contra cachorro.
Matou cavalo de tanto galope.
Caçava pelo prazer de ferir.
Ficava fascinado olhando o bicho sangrar até o fim.
(AZEVEDO, 1988, p. 10).

Alberto Cousté (1996, p. 103) explicita que a Teologia cristã realizou extenuantes citações acerca do livre-arbítrio e que Deus não pode intervir na escolha do ser humano sobre seu comportamento e seu destino. Em relação a Roberto, bons conselhos não faltaram do pai acerca do bem e do mal. O rebelde manifesta vontade e vocação pela liberdade de escolha. Não segue os conselhos de seu pai para o bem e elege o caminho do eterno ódio: curra as mulheres, tortura, mata, zomba, gargalha de seus feitos, torna-se o chefe supremo de um bando que surgiu das trevas feito demônios e com eles, habita uma fortaleza de pedra no alto de um morro.

Na fase do eterno ódio, Roberto do Diabo cavalga um corcel preto, é invencível, não honra pai nem mãe e o infeliz que atravessa seu caminho paga com a vida. Matou homens, mulheres e animais, sente prazer em vê-los sangrar, sua gargalhada é semelhante à do pai do riso, ou seja, do Diabo.

Georges Minois (2003) aborda que o riso é aliado à imperfeição, à corrupção e à decadência. Inúmeros escritos apócrifos de procedência cristã consideram o riso uma arma diabólica. Ainda que atribuindo ao riso uma faculdade humana, Santo Agostinho considerou-o abominável. São Jerônimo dividiu o riso em duas categorias: o riso excessivo e sonoro que sacode o corpo, alusivo aos judeus, aos estudantes, aos bêbados, aos bárbaros e espectadores de comédias e que é execrável; e o riso moderado, próprio para a educação de jovens cristãos. (MINOIS, 2003, pp.127/128). Por essas

³ PAPINI, Giovanni, (s/d p. 139) aborda sobre Roberto do Diabo, duque da Normandia, que foi considerado como filho do diabo. Esse duque envenenou o irmão Ricardo III como também seu nome se deve as suas ações cruéis na guerra.

considerações, podemos fazer um paralelo com as gargalhadas e zombarias de Roberto do Diabo e ponderar que se trata de um personagem diabólico, decadente e desprezível.

André Jolles (1971, p. 202) explica que o conto é incompreensível sem o maravilhoso. Os acontecimentos do conto são opostos ao acontecimento real. O universo do conto se constitui de histórias desenvolvidas nas quais, inicialmente, fere-se o sentimento de justiça, contrariando as “exigências da moral ingênua”, mostrando-nos um universo que entendemos como imoral. A disposição mental do conto se apresenta em dois sentidos: “toma e compreende o universo como uma realidade que ela [a moral ingênua] recusa e que não corresponde à sua ética do acontecimento” e “propõe e adota um outro universo que satisfaz a todas as exigências da moral ingênua.” A disposição mental do conto, ao mesmo tempo em que propõe o trágico, propõe também a sua supressão. Por isso, os estados e os incidentes no conto não são aleatórios. O objetivo é justamente ferir o nosso sentimento de acontecimento justo. (JOLLES, 1971, p. 200).

3 – A FASE DO ETERNO AMOR.

Quando tudo parece perdido, Roberto do Diabo toma uma atitude que nutre o sentimento de acontecimento justo. Ainda montado em seu corcel preto o cavaleiro sujo de sangue procura a mãe para saber o motivo de suas atitudes. Pela transcrição a seguir, perceberemos que a criatura demonstra insatisfação e fala do bem e do mal:

Mãe! Aqui Estou. Sabes o que tem sido minha vida. Tens notícias de meus passos. Tenho matado, mãe. Roubado. Incendiado. Sangrado homens por nada. Tenho me divertido eu e meu bando diante da dor e da desgraça. Quanto aleijado deixei pelo caminho. Quanta gente que antes via está cega. Tornei doente quem tinha saúde. Minei por dentro quem antes era forte. Gozei vendo gente sofrer, implorando clemência, morrendo devagar. Desde que me lembro, essa foi minha sina. Torturar. Desonrar. Destruir. Meu pai? Ora! Meu pai quis falar de amor com quem tinha fel correndo nas veias. Veio falar do bem a um apaixonado pelo mal. Honra? Dignidade? Dentro de mim tem um buraco, mãe! Não tenho alma! Tenho ódio! Ódio! Ódio de gente. Ódio de animais. Ódio de homens e mulheres (AZEVEDO, 1988, p. 19)

O relato da mãe sobre os anos de descontentamento tanto dela quanto do marido por não terem um filho e a revelação de que foi concebido pelo poder e bênçãos do Diabo são providenciais para retirar Roberto do Diabo de um encantamento. Conta-nos o narrador:

Tontura.
Roberto apertou os olhos.
Quanto tempo seguira por caminhos que não eram os seus?
Olhou a mãe.
Viu não a duquesa. Não a senhora da terra. Não a dama altiva e poderosa de tantas riquezas.
Em sua frente chorava uma mulher pequena, suave, humanamente frágil.
(AZEVEDO, 1988, p. 22)

A partir desse momento podemos voltar a chamá-lo pelo seu nome de batismo e não pelo nome a ele atribuído pelo povo, por suas malvadezas. Parece que está prestes a cumprir seu destino, ou seja, ser a “estrela no meio da noite escura” conforme desejaram o pai e a mãe. Seu comportamento mudou, provavelmente suas feições também mudaram, “era outro homem.” Ao retornar para a fortaleza de pedra, seu discurso surpreende sua corte infernal:

O bando ficou atento. Roberto contou a viagem. O encontro com os ermitões. Do andarilho. A conversa com sua mãe. O que disse.
O que ouviu. Chorou. Os homens calados.
Rememorou sua vida. Os crimes. A sanha. Os desatinos. Disse que meditara. Queria mudar de vida.
- Estás zombando de nós?
Disseram: - Que palavras são essas de tua boca. Justo tu que tens sido nosso mestre o tempo todo?
Falou do bem e do mal. Do ódio e do amor. [...] Conhecemos o prazer da força, o poder do medo e da dor. Não sei ao certo o que seja o contrário disso. Mas quero saber.
Quero sentir paz dentro de mim. Andar pela vida sem temer nem tremor.
(AZEVEDO, 1988, p. 26)

Sua corte infernal não aceita o bem. Roberto passa da condição de mestre para traidor e covarde. Porém desta vez, seu poder é posto a serviço do bem, ainda que para isso tenha que dizimar os rebeldes. Está disposto a se redimir:

De novo o filho do duque usou o poder que tinha.
Encarou. Derrubou. Dizimou.
Sangue virando rio montanha abaixo.
Muitos morreram. Muitos fugiram.
O moço restou só na fortaleza abandonada.
O corpo ferido por dentro e por fora.
Incêndio. Fortaleza de pedra pegando fogo.
Um cavaleiro descendo morro devagar.
Era Roberto buscando seu caminho.
(AZEVEDO, 1988, p. 26)

Na transcrição acima, um detalhe merece destaque, o fogo que dizima a fortaleza de pedra já não pode ser associado ao Diabo. Como se trata de um trecho do conto em que Roberto luta contra o mal, o fogo se apresenta como manifestação de Deus. Giovanni Papini (s/d p. 218) revela episódios do fogo associado a Deus: “Deus remete as Tábuas da Lei em meio do Fogo da Sarça Ardente. Deus desce a consumir as vítimas do sacrifício sob a forma de Fogo. Deus chama a si o profeta Elias sobre um carro de Fogo.” Portanto, podemos identificar o fogo tanto a Deus quanto ao Diabo. Mesmo que esse elemento seja de natureza diversa, ou seja, o fogo divino e o fogo diabólico se tratam do mesmo fenômeno. Ainda segundo Papini, “O amor de Deus consome tanto quanto o ódio do Diabo.”

4 – A SALVAÇÃO.

A partir do momento em que Roberto resolve mudar sua maneira de ser e de estar no mundo, torna-se um ser humano em busca de um caminho para se redimir de seus feitos. O cavaleiro solitário percorre estradas, visita lugares, trabalha para viver, planta, pesca, caça, carrega terra, corta lenha, ajuda em estalagens, aprende a trabalhar com madeira, faz pão. Em sua busca pouco fala, desconfia, experimenta o medo, sente vergonha de si mesmo. “Deus poderia obter essa conversão, mas uma conversão imposta do Alto estaria em contraste com a liberdade concedida por Deus às suas criaturas.” (PAPINI, s/d, p. 149).

Roberto procura um ermitão de quem escuta falar em uma taberna. Em seu encontro com o eremita, fala sobre sua vida e clama por um caminho que o conduza à salvação. A ideia da salvação

do Diabo, segundo Giovanni Papini (s/d, p. 245) aceita por São Gregório de Nissa e São Jerônimo, se apresenta em Orígenes que acredita que os demônios retornarão à condição de anjos.

Podemos abordar a questão da salvação por meio da expiação de Roberto que se dará por atos e não por oração. O ermitão lhe diz: parta para a cidade, finja-se de louco e mudo, não coma nada que não consiga apanhar entre os cães. Ele aceita essa condição de vida, não sabe por quanto tempo. Por duas semanas caminha até a cidade e a partir desse momento poderemos considerar que cumprirá o que se propôs:

Trepou numa árvore. Começou a fazer acrobacias.
Fingia que ia cair. Pulava de um galho para o outro.
Ficou pendurado de cabeça para baixo.
Depois desceu. Subiu. Dançou. Deu cambalhotas.
O povo juntou para ver.
...
Tirou quase toda a roupa.
Andou de quatro pelo chão.
Fazia de conta que tocava uma viola invisível.
Todos acharam graça naquela figura louca.
Aplaudiram. Deram vivas. No começo.
Depois vieram as brincadeiras. As zombarias.
...
Riram. Jogaram pedra. Amarraram o moço numa árvore.
Roberto não se defendia.
Chutaram. Empurraram. Gozaram.
Crianças batiam nele com pedaços de pau.
Velhos cuspiam no seu rosto.
Quando pisavam em suas mãos.
O moço dava cambalhotas.
Desviava-se dando estrelas.
Esquivava-se em saltos mortais.
(AZEVEDO, 1988, p. 29)

Esfomeado, Roberto entra no palácio do rei sem ter conhecimento de que sua missão nesse lugar será lutar contra o mal que se apresenta em um almirante que almeja casar-se com a princesa. Mas antes de abordarmos sobre esse acontecimento convém narrar que Roberto, apesar de faminto, rejeita a comida a ele servida e cumpre a pena de disputar o alimento com o cachorro do rei bem como a imitar o animal, conforme verificaremos na transcrição abaixo:

Ao pé do trono, atento numa corrente, o cão de guarda.
Um mastim negro. Animal feroz.
O rei acompanhava as palhaçadas. Pegou um naco de carne. Atirou no cachorro.
Roberto, num salto, mergulhou no espaço, atracou-se com o cão, arrancou a carne de sua boca e comeu.
...
[O rei] Mandou preparar um prato de comida.
...
Roberto ignorou.
Agora passeava de cabeça para baixo, o corpo apoiado nos braços e a língua de fora.
(AZEVEDO, 1988, p. 30)

Roberto não imaginava que o fim de sua penitência se daria no momento em que ele admitisse sua capacidade de amar e ser amado. À mulher que no início do conto se apresenta como

sacerdotisa do mal, na condição de sua mãe, será concedido na condição de princesa, o lugar de sacerdotisa do bem e que contribuirá para a redenção de Roberto.

Mas havia um empecilho, ou seja, o almirante que furioso com a negativa da princesa de seu pedido de casamento, convoca seus exércitos e ataca as terras calmas do rei. Certa noite, Roberto é surpreendido com um cavalo branco e uma armadura de prata fora do castelo. O animal branco e não preto e a armadura de prata e não os trapos que cobrem seu corpo revelam que já se encontra na fase do eterno amor. Sua força, que em sua fase do eterno ódio se destinava a matar por prazer, agora se designa a defender as terras do rei e garantir a sobrevivência de seus súditos. Montado em um cavalo branco e vestido em uma armadura de prata, Roberto parte para a guerra e vence a batalha contra o almirante.

O retorno de Roberto ao castelo é testemunhado pelos belos olhos da princesa que assiste sua transformação de cavaleiro de armadura de prata para a qualidade de um louco que veste roupas surradas. Todos comentam sobre o cavaleiro, seu cavalo branco e elogiam sua coragem. A princesa, que não tinha voz, tentou em vão explicar com gestos que o cavaleiro e o louco eram a mesma pessoa.

Na última batalha o rei ordena que três cavaleiros sigam o cavaleiro de prata sem perdê-lo de vista. O primeiro não consegue realizar a tarefa, o segundo morre no combate e o terceiro narra ao rei que o perseguiu, mas que nunca viu um cavalo galopar sem tocar os cascos no solo e, ao perceber que não conseguiria acompanhá-lo, o feriu com uma lança.

Assim como um príncipe, no conto Cinderela, vasculhou as casas do reino com um sapato que coubesse nos pés daquela que seria sua esposa, em *A vida e a outra vida de Roberto do Diabo*, o rei ordena que vasculhem em busca do cavaleiro ferido por uma lança na perna e que se tornaria o esposo da princesa silenciosa. O ambicioso almirante prepara armadura de prata, monta um cavalo branco, finca uma lança na própria perna e parte em direção ao palácio para reivindicar seu lugar de esposo da princesa. A data do casamento é marcada.

Roberto, que não sabia o tempo de duração de sua penitência, assiste a tudo com resignação. Desesperada, a princesa lamenta sobre sua condição de não poder falar e denunciar a farsa do almirante. Em seu lamento, a princesa não entende a razão da escolha do cavaleiro de viver como um cão. Ela não sabe que aquele homem que salvou seu povo também está em busca de salvação.

Segundo Jolles (1971) no conto a compensação se realiza com a satisfação dos acontecimentos pela nossa vertente para o maravilhoso e o nosso valor à sinceridade. As histórias se desenvolvem de acordo com o nosso sentimento e pensamento. Por conseguinte, refletem como as coisas deveriam acontecer no universo. Nesse sentido, os episódios de *A vida e a outra vida de Roberto do Diabo*, provavelmente desencadeiam no leitor, a esperança de um final com um fato concebido como ético e justo.

O acontecimento ético e justo se apresenta no dia do casamento do almirante com a princesa. O almirante diz sim, e para espanto de todos os presentes, a princesa verbaliza que não e o acusa de covarde e mentiroso. A princesa conta que conhece o cavaleiro de prata e que se trata do demente que vive como um cão.

Trouxeram o demente mancando e com a língua para fora até o altar. A princesa implora que pare de mentir e mostre a perna ferida. Quando tudo parece estar de pernas para o ar, adentra no palácio um homem de barba branca e pele queimada do sol e anuncia que por vontade divina, o castigo de Roberto chegou ao fim. Ele é livre para viver sua vida.

O almirante foi jogado no fundo do calabouço. Após narrar sua vida e seus feitos aos presentes no palácio, Roberto é abraçado pelo rei, está livre para amar e ser amado. Conquista a salvação.

CONCLUSÃO

A Teopoética que de acordo com Salma Ferraz (2006) antecede o cristianismo e que se apresenta como uma linha de pesquisa acadêmica proposta por Karl-Josef Kuschel (1999) para o

discurso crítico literário sobre Deus, que permite a realização de análises literárias a partir de uma reflexão teológica e admite um diálogo interdisciplinar entre Teologia e Literatura, permitiu a possibilidade de aproximação neste artigo de ambas tendo em vista que a leitura introdutória da obra literária abordada, desde o início teve como princípio o de perceber em que momento havia a possibilidade de relacionar Literatura e Teologia. Como resultado desta relação intrínseca, o conto *A vida e a outra vida de Roberto do Diabo* transformou-se em um reconto, ou seja, O bem e o mal em *A vida e a outra vida de Roberto do Diabo*.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Ricardo. **A Vida e a outra Vida de Roberto do Diabo**. Rio de Janeiro: Scipione, 1988.

COUSTÉ, Alberto. **Biografia do Diabo**. Tradução: Luca Albuquerque. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.

JOLLES, André. **Formas Simples**. São Paulo. Cultrix, 1971.

KUSCHEL, Karl-Josef. **Os escritores e as escrituras. Retratos Teológico-Literários**. Tradução: Paulo Astor Soethe [et al]. São Paulo, Loyola, 1998.

MAGALHÃES, Antonio. **Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo**. Coleção Literatura e Religião. São Paulo: Paulinas, 2000.

MINOIS, Georges. **História do Riso e do Escárnio**. Tradução: Helena Ortiz Assumpção. São Paulo: UNESP, 2003.

PAPINI, Giovanni. **O Diabo**. Tradução: Ruy Jungmann. Lisboa: Livros do Brasil, 1954.

FERRAZ, Salma. **Los Estudios Literarios sobre Dios**. Florianópolis. UFSC. 2006

Autor

Carla Moraes. Ms.
Instituto Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina - IFSC
carlam@ifsc.edu.br